

GRUPO PRAXIS: O IMPACTO POLÍTICO DA CRÍTICA HUMANISTA MARXISTA NA IUGOSLÁVIA

Sinuê Neckel Miguel¹

Resumo: O grupo Praxis foi uma escola do pensamento iugoslavo que propôs um socialismo humanista, publicando a revista *Praxis* de 1964 a 1974 (e sua edição internacional de 1965 a 1974) e mantendo um encontro anual na ilha de Korčula, na Croácia, no qual participavam nomes de relevo do pensamento crítico e marxista internacional. Sua ação político-intelectual contestadora de certas orientações tomadas ao longo da experiência iugoslava reclamou por uma radicalização da autogestão, criticou a burocratização e a reforma mercantil e realizou uma análise de classes que culminava na crítica à escalada dos nacionalismos. A ação repressora de autoridades iugoslavas colocou fim a atividade docente dos principais intelectuais da *Praxis*.

Palavras-Chave: Grupo Praxis; socialismo; Iugoslávia.

PRAXIS GROUP: THE POLITICAL IMPACT OF MARXIST HUMANIST CRITIQUE IN YUGOSLAVIA

Abstract: The Praxis group was a school of Yugoslav thought that proposed a humanist socialism, publishing the *Praxis* magazine from 1964 to 1974 (and its international edition from 1965 to 1974) and holding an annual meeting on the island of Korčula, Croatia, in which participated important names of the international Marxist and critical thought. His political-intellectual action challenging certain orientations taken throughout the Yugoslav experience called for a radicalization of the self-management, criticized the bureaucratization and the mercantile reform, and conducted a class analysis culminating in the criticism of the escalation of the nationalisms. The repressive action of Yugoslav authorities put an end to the teaching activity of the main intellectuals of *Praxis*.

Keywords: Praxis group; socialism; Yugoslavia.

* Este artigo é uma versão modificada de parte da tese de doutorado intitulada “O labirinto da autogestão: caminhos e bloqueios do projeto socialista iugoslavo”, defendida em 2017, com financiamento da CAPES e CNPq.

¹ Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP) e mestre em História (UNICAMP). E-mail: sinueneo@gmail.com

Introdução

Entre os filósofos e sociólogos iugoslavos desenvolveu-se ao longo dos anos 1950 uma teorização marxista alternativa aos “cânones” oficiais do marxismo iugoslavo, que, embora com certas rupturas, ainda mantinha-se ligado a alguns princípios da “vulgata soviética” (mais especificamente, da versão ou descaracterização dogmatizada e esterilizante do marxismo promovida pelo stalinismo). Em razão de diferenças irreconciliáveis com determinadas posturas da Liga, esses filósofos e sociólogos gradativamente se constituíram como um grupo dissidente². É assim que em 1964 criam a revista *Praxis*, com uma edição iugoslava e outra internacional.

O principal compromisso da revista seria a ideia de um humanismo socialista³ e especialmente a criação de uma base teórica para uma verdadeira consciência socialista, livre de dogmatismo e aberta à crítica radical⁴. Estabelecendo um diálogo entre o chamado marxismo ocidental e a crítica interna ao “socialismo real”, formulou-se um marxismo de caráter humanista, cuja centralidade do conceito de práxis conduzia à crítica de toda a forma de alienação e de exploração, apelando para a exigência de superação da realidade

² Os principais membros do grupo Praxis eram: Rudi Supek, Gajo Petrović, Predrag Vranicki, Milah Kangrga, Danko Grlić, Branko Bošnjak e Ivan Kuvačić de Zagreb; Mihailo Marković, Ljubomir Tadić, Veljko Korać, Andrija Krešić, Vojin Milić, Svetozar Stojanović, Zagorka Pešić-Golubović e Miladin Životić de Belgrado.

³ Para uma ótima introdução ao pensamento do grupo Praxis ver SOUZA, 2016. Oskar Gruenwald somente na Iugoslávia o humanismo marxista tornou-se a orientação predominante nas ciências sociais (GRUENWALD, 1983: 2). Na Hungria um grupo de alunos e colegas de Georg Lukács constituiu uma escola de pensamento que ficou conhecida como Escola de Budapeste. Originalmente, tratava-se da formulação de um humanismo marxista, embora desenvolvimentos posteriores tenham envolvido rupturas com o próprio marxismo. Destacam-se nomes como Ágnes Heller, Ferenc Fehér e György Márkus. István Mészáros, embora tenha deixado a Hungria após a invasão soviética em 1956, pode ser considerado um pensador ligado à Escola de Budapeste. Muitos paralelos poderiam ser feitos entre a história da Escola de Budapeste e a história do Grupo Praxis, a começar pelo impulso humanista, de recuperação do “jovem Marx”, até a reação repressiva das autoridades dos seus respectivos países. Os posteriores processos de ruptura com o marxismo, presentes entre intelectuais originários tanto do Grupo Praxis quanto da Escola de Budapeste, com incorporação da influência do pensamento liberal, mereceriam um estudo à parte.

⁴ Antes de fazer a crítica da política iugoslava o grupo Praxis desenvolveu uma crítica mais geral do caráter dogmático que havia se incrustado no marxismo (SHER, 1977: 57-58). Para tanto, resgatam os escritos do “jovem” Marx, dando centralidade para os conceitos de alienação e de práxis (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 30-31). Sustentam que o ser humano está sendo alienado da sua práxis (um conceito normativo, referido a um ideal baseado numa capacidade essencialmente humana), que é a atividade social consciente, orientada para objetivos, na qual o indivíduo se auto-expressa e se auto-realiza (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 32; SHER, 1977: 68-73). De modo sofisticado, criticam a teoria do reflexo e a dialética na versão stalinista, na qual o elemento criativo e dinâmico do indivíduo é anulado, cabendo apenas ao Partido (como consciência totalizadora da classe trabalhadora) o papel de conduzir a luta de classes fazendo a leitura correta das leis dialéticas, objetivas e “impessoais” (SHER, 1977: 88-95).

(mesmo, e talvez com mais força ainda, sob um projeto socialista) para fazer jus à capacidade criativa humana (SOUZA, 2016). Como aponta Gerson Sher, este foi um desafio sem precedentes ao monopólio ideológico do Partido, o que colocou os marxistas do grupo Praxis em irreversível rota de colisão com os dirigentes das instituições políticas da Iugoslávia (SHER, 1977: xvii).

Do ponto de vista do combate das ideias, do posicionamento do grupo Praxis no interior do campo das correntes filosóficas e sociológicas da Iugoslávia, pode-se dizer que os seus adversários estavam em duas extremidades: de um lado, o marxismo dogmático do *Diamat*, de outro, a ideologia gerencial. O seu estilo de pensamento seria basicamente um reflexo das visões de intelectuais pró-socialismo desencantados com a discrepância entre ideais e a realidade (MIRKOVIĆ, 1976: 236).

Após ter estabelecido solidamente os pressupostos teóricos mais gerais do seu marxismo humanista, o grupo Praxis formulou uma série de críticas específicas à realidade iugoslava, antecipando muitas vezes problemas que ainda não haviam se desenvolvido para formas mais claramente perceptíveis.

Em resumo, criticou a burocratização, a falta de democracia na Liga dos Comunistas, a formação de uma nova classe média avessa ao socialismo, a escalada dos nacionalismos, a atomização da classe trabalhadora e a reforma mercantil *laissez-faire*⁵. Apresentaremos de modo breve em que termos se apresentaram tais críticas e em seguida examinaremos como se deu a reação política à militância intelectual do grupo Praxis.

As críticas do grupo Praxis

Talvez a crítica mais perturbadora para a maior parte dos dirigentes iugoslavos foi a crítica do centralismo democrático e ao papel e práticas adotadas pela Liga dos Comunistas

⁵ É importante notar que as críticas desenvolvidas pelo grupo Praxis à realidade iugoslava são corroboradas por ampla bibliografia, incluindo desde autores não marxistas até autores simpáticos ao socialismo e mesmo pesquisadores e militantes marxistas (por exemplo, RUSINOW, 1977, MEISTER, 1970, SAMARY, 1988 e MUSIĆ, 2016). Assim, sem desconsiderar as complexas e difíceis circunstâncias históricas que conformaram a formação social iugoslava e o esforço de desenvolvimento de um projeto socialista formulado por dirigentes comunistas, este artigo trata de focalizar no florescimento de uma incisiva crítica *interna* à realidade iugoslava, fruto de seus próprios avanços e limites nos marcos de um sistema de autogestão. Não desenvolvo aqui, portanto, considerações sobre os constrangimentos geopolíticos da Guerra Fria nem explano pormenorizadamente acerca da dinâmica política interna da Iugoslávia, objeto de investigação em minha tese de doutorado (MIGUEL, 2017).

da Iugoslávia. Embora não advogasse o multipartidarismo para a presente condição iugoslava, o grupo Praxis suspeitava das implicações políticas do conceito de partido de vanguarda, discordando de Lenin com respeito à identificação da verdade e do partido, e era unânime em considerar o partido leninista uma estrutura política inapropriada uma vez que a revolução política tenha se realizado (SHER, 1977: 133-134).

No contexto de revisão dos estatutos da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, em 1963 e 1964, debatia-se a manutenção ou não do princípio do centralismo democrático (SHER, 1977: 39). Svetozar Stojanović, participando de uma comissão da Liga que examinava seus estatutos, argumentou por um relaxamento do centralismo democrático, através de disposições para o debate aberto e o criticismo em todos os níveis e entre todos os níveis da hierarquia da Liga (SHER, 1977: 39-40). Em outra ocasião pública Stojanović⁶ e Ljubomir Tadić fizeram discursos fortes pela sua democratização (referendo, respeito pela opinião e direitos da minoria, nomeação democrática, eleição para todos os funcionários do Partido, e total acessibilidade do trabalho dos órgãos do Partido ao escrutínio público), falando ainda em purgos dos carreiristas e oportunistas, provocando a reação indignada do presidente do Comitê Central da Comissão sobre Trabalho Ideológico da LCI, Veljko Vlahović, que caracterizou a demanda de Stojanović por “autogestão dentro do Partido” como “um sério erro”, afirmando que “a Liga dos Comunistas não precisa deste tipo de intelectual” (SHER, 1977: 40-41). Tadić⁷ defendia vigorosamente a “democracia verdadeira ou direta”, onde o mandato seria imperativo, com direito a revogação, e intensa verificação da atividade pública dos executores de funções públicas (SHER, 1977: 124).

Para o grupo Praxis a autogestão estaria aprisionada pela burocracia reinante nos níveis mais altos da estrutura política. Assim, a crítica da burocracia também atingia frontalmente a Liga dos Comunistas, pois mostrava como o poder do Estado estava concentrado num partido que não se democratizara, e assim detinha a prerrogativa das decisões sociais mais importantes, restringindo as tendências democráticas na base da

⁶ Para conhecer em detalhe as concepções de Stojanović sobre a democracia pluralista que advogava para o partido comunista ver STOJANOVIĆ, 1973: 79-86. Sobre suas críticas à cultura política iugoslava, ao monopólio político da vanguarda e seu apelo à democratização vinda “de baixo”, por conquista das massas, ver o seu artigo “From Post-Revolutionary Dictatorship to Socialist Democracy: Yugoslav Socialism at the Crossroads” (*Praxis*, 1973: 311-334).

⁷ No pequeno artigo “Différenciation de la notion de démocratie”, publicado na revista *Praxis* internacional, Tadić denuncia a manipulação ideológica do liberalismo burguês que pretende separar a liberdade da igualdade enquanto elementos constitutivos da democracia (TADIĆ, 1973: 173-178).

estrutura política. Os intelectuais da *Praxis* denunciavam ainda a formação de camarilhas burocráticas no nível local da empresa, compostas de Partido, gestão técnica, sindicato, governo, e mesmo líderes do conselho dos trabalhadores (SHER, 1977: 159-160).

Desde 1968, com uma edição internacional da revista *Praxis* dedicada a temática “O nacional, o internacional, o universal”, fica bastante evidente a preocupação do grupo Praxis com a escalada dos nacionalismos na Iugoslávia, manifesta sobretudo em querelas linguísticas, nas disputas político-econômicas entre regiões mais e menos desenvolvidas e na insistência numa igualdade formalista em termos de “nacionalidades”.

Para citar um exemplo, no artigo “Le socialisme et la question nationale”, Predrag Vranicki destaca a manipulação da “plataforma nacional” de modo conservador ou reacionário. No caso iugoslavo critica a atuação de uma parte da burocracia do partido e do Estado que retrocedera a posições nacionais, perdendo de vista a perspectiva de classe que deve pautar a revolução socialista⁸ (*Praxis*, 1968: 247).

Ao insistir na validade da análise de classes também para as sociedades socialistas, o grupo Praxis provocou a irritação de altos dirigentes, como Edvard Kardelj (SHER, 1977: 139-142). Tal análise conduziu os intelectuais do grupo Praxis a denunciar o surgimento e fortalecimento de uma nova classe média com todas as marcas do capitalismo pequeno-burguês, hostil ao marxismo e a todo pensamento de esquerda⁹. Milan Kangrga, num artigo controverso publicado em 1971, sugeria que esta classe média estava se tornando dominante na sociedade, econômica e ideologicamente, tentando mesmo transformar a Liga dos Comunistas no seu próprio partido de massas ao mesmo tempo em que procurava dividir a classe trabalhadora em classes nacionais (SHER, 1977: 175-176; DEVIĆ, 2000: 74).

A questão das relações entre burocracia, classe média e nacionalismo sobre as quais discorreram os intelectuais do grupo Praxis ainda está por receber um tratamento mais

⁸ A posição nacional-burocrática se apresentaria sob as formas do centralismo, do unitarismo e do particularismo nacional, todas resistentes às futuras transformações estruturais que Vranicki esperava se processar no sentido da autogestão. Assim, afirma o filósofo, no caso do centralismo burocrático, esta resistência tenderá a dar a preferência à nação mais forte, no unitarismo burocrático, ela será a recusa a reconhecer as diferenças, particularidades, tradições, sentimentos nacionais etc., e no particularismo burocrático, ela será a separação e a “crisalidação” no isolamento nacional (*Praxis*, 1968: 245).

⁹ Nos nossos termos, essa classe média equivale ao baixo e médio escalão das burocracias estatal/partidária e empresarial. Aqueles que se encontram na sua fração mais alta, por meio da ascensão na carreira, por vezes chegam ao topo das burocracias, constituindo assim a classe dominante dos gerentes e a nova classe dos dirigentes, em conflito com a vanguarda política (MIGUEL, 2017).

aprofundado pela pesquisa histórica. De todo modo, podemos apontar para alguns indícios do acerto das críticas às orientações nacionalistas que estavam se desenvolvendo especialmente entre a burocracia de um modo geral e entre as classes médias em particular.

Pesquisas sobre “distância étnica” mostraram que os mais escolarizados tinham mais distância étnica do que os menos escolarizados e que os eslovenos eram os campeões de “distância étnica” (BURG, 1983: 45-46). Dennison Rusinow, costumeiramente arguto em suas observações, percebeu o interesse da nova classe média croata numa aliança com nacionalistas ante o “centralismo de Belgrado” por um lado e a literal realização da autogestão por outro:

Gerentes e outros membros da nova “classe média” croata (um termo infeliz, por causa das suas conotações emotivas, usado aqui faute de mieux e puramente como uma etiqueta sociológica sem implicações normativas) não tem nenhum amor pelo centralismo de Belgrado e tudo o que isso implica, mas igualmente pouco desejam viver com uma implementação literal da teoria da autogestão sem intermediários. Tudo na sua experiência e na lógica de seus próprios papéis clama-lhes que tal sistema seria ineficiente se não absurdamente impraticável. Instinto e experiência histórica também lhes sugerem que uma liderança forte que respeite e apoie seus papéis, mas que também goze de legitimidade – melhor ainda, de entusiasmo – entre as massas como uma liderança nacional seria a melhor defesa contra ambos os lados desse dilema¹⁰. (RUSINOW, 2008: 155-156)

Bogdan Denitch também corrobora a crítica do grupo Praxis à resistência da nova classe média à autogestão,

que procura desfrutar de um padrão de vida próximo ao da Europa Ocidental e cujos valores são cada vez mais tecnocráticos e gerenciais. Para eles, o que há de errado com a autogestão é precisamente que ela envolve trabalhadores – pessoas que são vistas como tendo cultura e experiência insuficientes para tomar decisões importantes. (DENITCH, 1976: 183)

O afastamento da nova classe média do projeto socialista iugoslavo se dava também em termos da adesão à cultura do consumismo, problema bastante discutido na imprensa iugoslava e também alvo de crítica do grupo Praxis¹¹.

¹⁰ Todas as citações foram por mim livremente traduzidas.

¹¹ Como ilustração, veja-se o que disse uma das entrevistas de Alvin Magid, a médica Sofija Puric. De acordo com ela, era o modelo americano que atraía os iugoslavos desde o rompimento com Stalin: “No início dos anos 1950, os laços melhores do meu país com o Ocidente nos trouxeram, entre outras coisas, uma colheita de

Ao mesmo tempo, apontava-se insistentemente para um processo de atomização da classe trabalhadora e o conseqüente impacto sobre a sua consciência de classe. É o que se vê nas palavras da socióloga Zagorka Pešić-Golubović:

O mecanismo da concorrência e o “espírito de empresa” ensinaram à classe operária este “egoísmo de grupo”, e a ausência do papel de defesa de classe dos sindicatos, sua manutenção enquanto fatores “de educação e de disciplina” (no espírito do socialismo estatal), deixou a classe operária privada da solidariedade de classe elementar e de resistência de classe à exploração do trabalho. No lugar da solidariedade de classe, ensinou-se à classe operária um espírito de empresa burguês no quadro das relações moeda-mercadoria, e as camadas médias ou burguesas, antigas ou recentemente formadas, tomaram a palavra. Portanto, a classe operária ficou privada de mecanismos econômicos adequados e de mecanismos políticos e de ideias defensivas. (*Praxis*, 1971: 333)

Para a socióloga,

A posição social do “produtor” no sistema iugoslavo é definida de modo a preservar o *status parcial do trabalhador*, não apenas no sistema tecnológico, mas na sociedade como um todo, uma vez que ele conecta os trabalhadores quase exclusivamente dentro de uma profissão e dentro de um estrato. (...) A classe trabalhadora é atomizada, fechada dentro dos muros de fábricas ou instituições individuais; estes muros são caracterizados pela antiga estratificação que assegura intacto o poder social concentrado no topo, tornando assim impossível para as células autogeridas superar as várias formas de diferenciações de classe e prevenir a desintegração do poder social de “produtores”. (*Praxis*, 1971: 410; grifos da autora)

filmes americanos com ênfase na afluência, no consumismo, no lazer e no individualismo criativo; e eles nos trouxeram o gênio da música americana. Eu me emocionei com o “Rhapsody in Blue” de Gershwin e rapidamente me vi viciada em jazz. Tudo isso tinha um efeito vertiginoso sobre mim, a camponesa de Pica. Livros, bibliotecas, cinemas, viagens ao teatro – nem sempre era fácil para mim distinguir fato de fantasia. Todos em torno de mim em Srem Mitrovica no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 foram tantos outros jovens que compartilhavam da minha intoxicação. Cada vez mais nos sentimos atraídos por alguma concepção vaga da vida boa – uma concepção que, para a maioria de nós, tinha pouco a ver com a ideologia socialista reinante na Iugoslávia do pós-guerra. Já em 1952, quando saí de Srem Mitrovica para a Faculdade de Medicina de Belgrado, pude ver a ideologia do socialismo revolucionário dar lugar, na vida da maioria das pessoas que conhecia, a uma ideologia mais poderosa do consumismo emanando da sua [referindo-se ao entrevistador Magid] própria América. Olho para trás agora e vejo que foi a atração de uma ideologia consumista revolucionária que abriu toda a Iugoslávia para um mundo que poucos anos antes a maioria de nosso povo não poderia ter imaginado. Tito nos salvou de Stalin e, como consequência, nos entregou ao Ocidente. Esqueça toda a conversa sobre neutralismo e não alinhamento! Os iugoslavos olham para o sul e para o leste apenas quando precisam pensar em como proteger seus flancos; para todo o resto seus olhos estão fixos no Ocidente. Nossa escravidão para com o Ocidente na era do pós-guerra não começou com o fluxo de créditos na última década; ela começou duas décadas antes, em Srem Mitrovica e em muitas outras cidades em toda a Iugoslávia, quando a América começou a nos inundar com suas paisagens e sons” (MAGID, 1991: 198-199).

Como resposta à crise do socialismo iugoslavo o grupo Praxis indica a via de reformas sociais radicais, orientando-se pelas recomendações e exigências formuladas pelo 2º Congresso dos Autogestionários e sublinhando a necessidade vital de manter a “unidade do sistema político e socialista na Iugoslávia como base real da unidade dos povos iugoslavos” (*Praxis*, 1971: 334).

Contudo, coerentes com o papel atribuído à criatividade humana na sua teoria da Praxis, os marxistas humanistas entendiam que as estruturas institucionais não são garantias da eliminação da auto-alienação humana, nem mesmo da efetivação da autogestão dos trabalhadores; daí que institucionalizar de um modo rígido os órgãos de autogestão seria contraproducente (SHER, 1977: 125-126). É esse tipo de postura, parece-nos, que aos olhos dos dirigentes levantava suspeitas de estarem recaindo em “tendências anarquistas”¹².

Com o desenvolvimento das reformas mercantis, o assento da crítica do grupo Praxis começa a mudar do estatismo para a sociedade de mercado. Tanto o burocratismo quanto a atomização induzida pelo mercado ameaçavam sufocar as formas embrionárias e frágeis da autogestão iugoslava. Mostrava-se que a excessiva descentralização veio acompanhada com o crescimento de uma nova burguesia que se superpôs à já existente dominação burocrática (SHER, 1977: 158). Inspirado na teoria do trabalho alienado de Marx, Marković entendia que, numa sociedade que ainda tem o mercado como um dos reguladores essenciais da produção, a alienação dos produtores está presente em consequência do monopólio sobre a tomada de decisões econômicas, exercido por forças tecnocráticas, com suas noções restritas de racionalidade e eficiência (SHER, 1977: 169). O eixo da alternativa proposta por Marković para superar a regulação mercantil é uma forma de planejamento democrático: um sistema de órgãos de planejamento central constituído de conselhos autogestionários locais, territoriais e regionais, que existiriam independentemente do aparato do Estado (SHER, 1977: 169).

Não obstante, como aponta Sher, os marxistas da *Praxis* “não eram totalmente intransigentes com relação ao mercado como um mecanismo econômico nem com relação à produção de mercadorias como uma necessidade temporária, embora indesejável” (SHER,

¹² O espírito de abertura crítica do grupo Praxis pode ser conferido, por exemplo, na *Praxis* internacional, nº 3-4 de 1972, na qual aborda o anarquismo, sob a rubrica “Anarchie, avenir, révolution”. Nesta edição comparece o anarco-comunista francês Daniel Guérin, com o artigo “Spontanéité, organisation et anarchisme”.

1977: 170). Svetozar Stojanović, por exemplo, pondera sobre a necessidade provisória do mercado, mas aponta para a necessidade de não limitar o socialismo aos critérios estreitos de crescimento da produção e do consumo, e de não reduzir a autogestão dos trabalhadores às relações de produção (isto é, à economia). Embora a criação de abundância material seja importante, não se deve confundir riqueza material com riqueza humana. O *homo economicus* prejudica o desenvolvimento do *homo humanus* e de sua comunidade (STOJANOVIĆ, 1973: 128-129).

O filósofo mostrava-se pragmático com relação às funções desempenhadas pelo mercado no socialismo. Para ele,

A autogestão não é ameaçada somente pelo estatismo, mas também por uma imagem utópica da natureza humana, na base da qual as pessoas ingenuamente esperam que os grupos autogeridos produzirão racionalmente a qualquer dado momento, sem qualquer tipo de competição. Num sistema sem competição, a solidariedade é quebrada pelo seu oposto – o parasitismo (STOJANOVIĆ, 1973: 132).

Assim, o importante seria planejar, regular e coordenar democraticamente o mercado a partir de critérios socialistas, isto é, que colocassem a solidariedade e o desenvolvimento do *homo humanus* como parâmetros incontornáveis. Isto, na prática, implicaria que a comunidade socialista buscasse humanizar as necessidades existentes e buscasse desenvolver novas necessidades, necessidades humanas, em oposição às demandas artificiais e mesmo prejudiciais criadas a partir do mecanismo alienador do mercado descontrolado (primazia do valor de troca sobre o valor de uso)¹³.

Então, em realidade a crítica voltava-se à excessiva abrangência do mercado, calcada no que Marković chamou de sistema ideológico do “economismo”, que retrata o ser humano como um ser econômico motivado inteiramente pelo egoísmo e interesses orientados para o consumo (*Praxis*, 1969: 451-475). O socialismo deveria, isto sim, lutar

¹³ Dessa maneira, Stojanović alerta para o fato de que a civilização capitalista ainda dita a nossa estrutura de necessidades e de consumo num grau considerável, o que tem levado a confusão quanto ao próprio critério definidor do socialismo. Com isso, o conceito de padrão de vida, por exemplo, é crescentemente reduzido a um padrão material, ao invés de ser visto como um padrão humano. Então, conclui o filósofo, a qualidade da sociedade socialista depende em larga medida da maneira pela qual o consumidor é educado. E assim reclama do fato de que na Iugoslávia, embora se discuta sobre a associação de produtores, muito pouco foi dito sobre a associação de consumidores. Com o desenvolvimento desse tipo de associação, num sistema de autogoverno integral, seria possível que as necessidades fossem democraticamente hierarquizadas, estabelecendo-se prioridades e buscando-se meios para educar e satisfazer as mais humanas necessidades (STOJANOVIĆ, 1973: 132-134).

pela humanização das necessidades e por um certo padrão de igualdade social, estabelecendo princípios redistributivos para corrigir os efeitos perniciosos da distribuição segundo os resultados do trabalho e das distorções que impedem que tal princípio se efetue na prática (posição de monopólio no mercado, proveito de situações aleatórias etc.), ampliando, dentro das condições objetivas, os serviços gratuitos (saúde, educação etc.) (STOJANOVIĆ, 1973: 215-222).

Sustentando-se na sua teoria humanista, o grupo Praxis também criticou o localismo e a mera descentralização, dita “anarco-liberal” ou “proudhoniana”, defendendo a necessidade de desenvolver a consciência universal do homem, que se daria por meio da identificação do indivíduo com toda a humanidade. Na prática, o tipo de descentralização que se processava na Iugoslávia estaria promovendo o distanciamento dos interesses da empresa daqueles da comunidade mais ampla (SHER, 1977: 164-165). Stojanović argumentara que o autogoverno baseado exclusivamente em grupos reforçará o poder do Estado mais do que o negará, e que esse pode facilmente manipular um autogoverno atomizado, o que é demonstrado pela experiência iugoslava (STOJANOVIĆ, 1973: 119). Ele mostrava ainda que o comportamento egoísta das empresas (mais competição do que cooperação e coordenação) é uma atitude de propriedade de grupo e não de propriedade social, como definida pela constituição. Com isso, criticava a inadequação para as finalidades socialistas do que chamara de “anarco-liberalismo socialista”, muito semelhante às doutrinas de Proudhon¹⁴ (SHER, 1977: 165-166; *Praxis*, 1971: 378-383; STOJANOVIĆ, 1973: 118-125).

Em que pese a abertura intelectual do grupo Praxis, a orientação prática para os problemas da Iugoslávia manteve-se consideravelmente estável. Em síntese, parece-nos que os marxistas da *Praxis* defendiam como modelo transitório um sistema misto de mercado e plano baseado na autogestão dos trabalhadores. Apesar de terem escrito pouco sobre o planejamento de um ponto de vista estritamente econômico, o elemento teórico central é o

¹⁴ Rudi Supek desenvolvera criticamente o tema do conceito de autogestão proudhoniano e liberal que estaria imperando na Iugoslávia em “Some contradictions and insufficiencies of Yugoslav self-managing socialism” (*Praxis*, 1971: 379-383). Interessantes debates no seio do grupo Praxis se deram em torno do liberalismo, do anarquismo e da chamada “nova esquerda”, revelando posições distintas entre seus membros, uns vendo mais méritos no liberalismo, outros no anarquismo, uns mais simpáticos à “nova esquerda”, à Escola de Frankfurt e ao freudo-marxismo e outros mais críticos a elas (MIGUEL, 2017: 309-319).

caráter democrático do planejamento – eis o que efetivamente diferenciaria o modelo do grupo Praxis do socialismo praticado na Iugoslávia (SHER, 1977: 169).

A reação ao grupo Praxis

Dada a sua importância teórica e política, o grupo Praxis representou uma ponte entre Leste e Oeste e um ponto de referência do humanismo marxista (SHER, 1977: xix). A experiência iugoslava constituiu-se em referência central para os militantes e intelectuais que apostavam na autogestão como alternativa ao capitalismo e ao “socialismo stalinista”. Em geral vista simplificada como bem-sucedida, a autogestão iugoslava passou a ser mais bem conhecida no exterior não apenas devido aos estudos especializados realizados por pesquisadores que foram a campo, mas também devido à troca intelectual e política promovida pelo grupo Praxis, através de sua revista internacional e de seu seminário de verão anual na ilha de Korčula, na Croácia, no qual participavam nomes de relevo do pensamento crítico e marxista, como Ernst Bloch, Erich Fromm, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, Henri Lefebvre e Ernest Mandel¹⁵. É interessante notarmos ainda que os “anos dourados” da autogestão¹⁶, isto é, de sua centralidade no debate político-intelectual, são justamente os anos de publicação da revista *Praxis*: 1964 à 1974. O que a nosso ver confere ainda mais importância ao estudo do grupo Praxis, um dos atores mais participativos no período mais intenso de debates e tomadas de posição sobre a autogestão.

A notoriedade dos intelectuais da Praxis no exterior e a preocupação de Tito em fornecer uma imagem internacional positiva da Iugoslávia serviram de arrefecedor do ímpeto de repressão dos poderes dirigentes. Ainda que a vanguarda socialista da Liga dos Comunistas pretendesse manter o seu monopólio na condução política da Iugoslávia, ela tinha de manter certa cautela no modo como lidava com dissidências, tanto pela posição

¹⁵ Podemos perceber essa importância na França por meio da revista *Autogestion* e por meio do impacto político no meio sindical e partidário francês, a exemplo da adoção pela CFDT de um programa autogestionário inspirado diretamente pela experiência iugoslava. Como atesta Frank Georgi, o grupo Praxis, sobretudo representado na figura de Rudi Supek, mantém uma estreita relação com os partidários da autogestão na França (GEORGI, 2003: 18). Na revista *Autogestion*, por exemplo, publicam Rudi Supek e Mihailo Marković.

¹⁶ Simboliza bem o espírito da época, o título do livro de Pierre Rosanvallon: *L'âge de l'autogestion*, publicado pela editora Le Seuil em 1976.

internacional iugoslava como “não alinhada”, como pelo delicado equilíbrio de forças no país.

O impacto do grupo Praxis na cena política iugoslava poderia ser considerado pequeno se fosse levada em consideração apenas a tiragem modesta da revista *Praxis*, voltada para um público acadêmico. Porém, há que se considerar o significativo ganho de popularidade advindo da própria perseguição das autoridades, sobretudo a partir das manifestações estudantis de 1968. Ilustra a popularidade do grupo Praxis o fato de ter sido mencionado numa letra de música de uma das mais populares bandas de rock na Iugoslávia dos anos 1980. Na letra da música “68”, gravada pela banda Azra em 1982, dizia-se:

Enquanto eu era um estudante, eu era um desafiador / Eu lia *Praxis* // Eu era um polemista habilidoso / o anarquismo estava no meu sangue // Eu sonhava com barricadas / eu sonhava em conduzir os proletários. // Agora eu preciso de um médico / é difícil ficar ocioso o dia todo. // Meus amigos são noturnos / eles não bebem, eles não são barulhentos. // Eles apenas olham fixamente e definham / eu vou me jogar num rio. // Eu vou me jogar de volta em 68 / 68 voltará.¹⁷ (ŽABIĆ, 2010: 121-122)

A letra evoca o tipo de conexão que se estabeleceu entre os estudantes universitários politicamente ativos e o grupo Praxis no âmbito de uma cultura de contestação e de utopia.

Como seria de se imaginar, com a insistente crítica do grupo Praxis aos grupos nacionalistas esses reagiram negativamente. De acordo com Ana Dević, os mais ferrenhos oponentes do grupo Praxis eram os membros do “círculo filosófico de Sarajevo”. Muhamed Filipović, professor de filosofia da Universidade de Sarajevo, afirmava que a crítica anti-estalinista do grupo Praxis era obsoleta, pois o estalinismo já havia sido derrotado na Iugoslávia e que a versão do grupo Praxis da “crítica marxista de todos os fenômenos existentes” era um tardio elemento de hegelianismo. Para Filipović era preciso fortalecer os aspectos nacionais da produção de mercadorias socialistas (DEVIĆ, 2000: 75-76). Fuad Muhic, professor da Faculdade de Direito em Sarajevo era ainda mais virulento no ataque ao grupo Praxis:

Existir num estado de liberdade abstrata como numa autodeterminação ilimitada, estar contra o ‘sistema’, num estado de permanente oposição que, pela sua natureza caprichosa, se torna um puro “lartpourlartisme” de uma existência confortável bem paga, ser um personagem ‘respeitado’ em

¹⁷ A canção foi composta por Branimir “Johnny Štulić, vocalista da banda Azra, fazendo parte do album “Filigranski pločnici”, LP record, Zagreb: Jugoton, 1982.

um círculo de apoiadores no país e no exterior por causa da oposição ao sistema existente e onde o maior grau de legitimidade é buscado em sua expulsão do Partido – esses são os alicerces da involução do marxismo “não-partidário” para o anarquismo e o niilismo (DEVIC, 2000: 77).

De acordo com Mihailo Marković, às críticas formuladas pelo grupo Praxis à realidade iugoslava¹⁸, os teóricos da Liga respondiam com fracos contra-argumentos, tais como: como pode a classe trabalhadora, sendo a classe dominante no socialismo, explorar a si mesma? A crítica de Marx da economia de mercado não é válida para uma economia de mercado socialista; o ataque à burocracia é um assalto anarquista à sociedade organizada; toda a crítica à forma existente de autogestão eles veem como uma crítica da autogestão como princípio; a autogestão integrada ao nível da república e da federação foi considerada uma forma de estatismo; democratização do Partido, no sentido de permitir às minorias continuar a exprimir e justificar suas ideias, equivaleria a pedir que facções sejam permitidas dentro do Partido (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 26).

Apesar do repetido desmentido da maioria dos marxistas do grupo Praxis a ter qualquer ambição política pessoal, refugiando-se na afirmação de que a *Praxis* era “apenas” uma revista filosófica e que por isso não constituía uma plataforma de oposição política, foi exatamente assim que as autoridades iugoslavas tenderam a caracterizar o grupo (SHER, 1977: xviii e 46). É claro que a atividade do grupo Praxis pode ser vista como eminentemente de âmbito cultural, porém também é evidente que o conteúdo político da sua filosofia, voltado para a análise crítica da sociedade (incluindo a sociedade socialista), dava azo a acusações de oposicionismo político. Em realidade, o próprio grupo Praxis em algum momento hesitou sobre a sua disposição para o enfrentamento político direto.

A reação crescentemente negativa dos dirigentes iugoslavos às ideias difundidas pelos intelectuais do grupo Praxis se revela em uma série de episódios. Citaremos alguns dos mais significativos.

¹⁸ Marković resume a crítica do grupo Praxis do seguinte modo: “Desde 1963 os filósofos da Praxis estabeleceram que tanto formas de alienação econômica quanto política ainda existia na sociedade iugoslava, que a classe trabalhadora ainda era explorada – desta vez por novas elites: burocracia e tecnocracia; que a economia de mercado irá inevitavelmente reproduzir relações capital-trabalho; que a autogestão existe apenas no nível micro nas empresas e comunidades e organizações locais, e que consequentemente seu posterior desenvolvimento requer um gradual desaparecimento da política profissional e a formação de conselhos operários no nível regional, das repúblicas e federal; que a precondição básica para uma democracia realmente participativa era primeiramente uma radical democratização do Partido e posteriormente seu desaparecimento” (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 26).

No seio da Liga, as propostas dos marxistas da *Praxis* pela sua democratização foram rejeitadas no seu Oitavo Congresso em 1964: o princípio do centralismo democrático foi mantido como tradicionalmente entendido (por exemplo, sem menção ao direito de articular visões dissidentes após uma decisão já tomada pela maioria). Ranković e Vlahović enfaticamente rejeitaram a tese de que a Liga dos Comunistas deveria ser estruturada de acordo com o princípio da autogestão e ameaçadoramente declararam que aqueles que estavam insistindo no direito ao criticismo não deveriam esperar serem bem-vindos por muito tempo dentro do Partido. (SHER, 1977: 41-43)

Mika Tripalo, liderança nacionalista croata, de modo alarmista afirmou que, a despeito das intenções dos indivíduos envolvidos com a revista *Praxis*, seus artigos criam as condições objetivas para ela se tornar o coração de um grupo de oposição sobre o qual todos os elementos opositores e insatisfeitos poderiam se reunir (SHER, 1977: 48-49).

Além de discursos ameaçadores, houve sucessivas tentativas de bloquear a propagação do discurso crítico do grupo *Praxis*, como a circulação de listas negras nas editoras e na mídia de massas (SHER, 1977: 195). A imprensa alternava entre a atitude de colocar o grupo *Praxis* em quarentena ideológica, dando-lhe pouca atenção, e a publicação de artigos assinados por proeminentes publicistas do Partido fazendo advertências indiretas contra o criticismo “exagerado” dos intelectuais da *Praxis* (SHER, 1977: 199).

A crítica mais influente ao grupo *Praxis* veio de Kardelj, que, no espírito de um pragmatismo crasso, acusou o grupo *Praxis* de ignorar “as leis objetivas da vida social”, “a real relação de forças sociais”, ao pregar uma “mistura alquimística de verdades eternas abstratas sobre humanidade e liberdade” e ao atacar a posição da Liga como a vanguarda ideológica da classe trabalhadora, atitude que poderia abrir as portas aos restauradores da velha sociedade (SHER, 1977: 199-201). Kardelj situava o grupo *Praxis* como uma manifestação contemporânea do “anarquismo intelectual e pequeno-burguês da extrema esquerda”¹⁹ (KARDELJ, 1978: 105).

¹⁹ A crítica da extrema esquerda iugoslava era apresentada por Kardelj nos seguintes termos: “No fundo, ela não tem confiança na classe operária e quer desempenhar o papel de tutor esclarecido; contesta o papel dirigente do Partido, que seria uma organização essencialmente burocrática e estalinista; insiste na sua vocação especial, que lhe daria o direito exclusivo de fixar os objetivos da sociedade de definir a teoria política; põe em causa todas as instituições, incluindo a autogestão, que considera inteiramente burocratizadas e manipuladas” (KARDELJ, 1978: 96).

Sua crítica culminou com a acusação de que o real objetivo dos ambiciosos e demagógicos filósofos da *Praxis* era o poder político, tendo como adversário a própria Liga. Essa acusação começou a proliferar a partir do artigo de Kardelj, e então os marxistas da *Praxis* reagiram negando qualquer interesse em “política”, no sentido de luta por poder. O efeito colateral desses ataques foi torná-los mais proeminentes aos olhos do público, o que fortalecia sua própria convicção contestatória (SHER, 1977: 201-204).

Com o suporte intelectual da crítica de Kardelj e a vontade política de Tito, a repressão ao grupo Praxis era praticamente inevitável. Assim, o governo, na figura de diferentes fontes de financiamento, retém o suporte financeiro à revista *Praxis*, provocando sucessivas crises financeiras em 1965, 1966, 1968 e 1972 (SHER, 1977: 205).

Porém, o momento mais grave para o grupo Praxis foi a revolta estudantil nas universidades iugoslavas em junho de 1968²⁰ (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 26-27). Influenciados pelo clima político mundial no qual a juventude estudantil emergia como protagonista de movimentos de esquerda, e pelas novas condições políticas internas, um significativo grupo de universitários iugoslavos rebelou-se, chegando a envolver cerca de 60.000 estudantes da Universidade de Belgrado, foco do movimento²¹. Após uma sequência

²⁰ Para relatos detalhados dos eventos que constituíram a revolta estudantil iugoslava de 1968, ver PERVAN, 1978: 15-39, PETROVIĆ, 2007: 16-23, KRULIC, 1990 e MUSIC, 2008: 45-51 e 57-61. Ver também SAMARY, 2008: 85-93, SHER, 1977: 209-212 e GRUENWALD, 1983: 54-55. O início da revolta estudantil se deu a partir de um caso de repressão policial, por ocasião de um confronto, ocorrido na noite de 2 de junho de 1968, no qual um grupo de cerca de mil estudantes foi impedido de assistir a uma apresentação musical que teve uma limitação de público às vésperas do evento, devido a uma mudança de local, no qual os estudantes tentaram entrar à força. Na segunda-feira pela manhã, apenas um dia após o confronto, uma reunião dos estudantes em protesto aos eventos da véspera ampliou rapidamente a dimensão do conflito, pormenorizando uma série de problemas sociais, como as condições de vida e de emprego.

²¹ Samary mostra a sincronia entre os movimentos juvenis iugoslavo e francês: “Na segunda metade dos anos 1960, a juventude estudante politizada de Belgrado, Zagreb ou Liubliana partilhava com aquela da França a admiração por Che Guevara, a solidariedade com a resistência anti-imperialista no Vietnam, o interesse pela contra-cultura ou pelas correntes do marxismo não-oficial” (SAMARY, 2008). De fato, estudantes e professores das universidades iugoslavas protestaram contra a invasão dos Estados Unidos ao Vietnam, resultando em conflito com a polícia – o que, aliás, conduziu a uma crítica à polícia como instituição e à própria política externa iugoslava, especialmente em relação aos EUA. Já por ocasião do Maio de 1968 na França, estudantes de Belgrado enviaram uma carta ao reitor da Sorbonne criticando a decisão de fechar os portões do campus de Nanterre (BACEVIĆ, 2014: 46). Num sentido geral da história mundial, Eric Hobsbawm mostra os efeitos da grande expansão da educação universitária pós-Segunda Guerra, que incluiu a emergência dos estudantes como uma força social e política “muito mais importante do que jamais haviam sido, pois em 1968 as explosões de radicalismo estudantil em todo o mundo falaram mais alto que as estatísticas”. O historiador destaca o caráter transnacional da massa de estudantes, “movimentando-se e comunicando ideias e experiências através de fronteiras com facilidade e rapidez, e provavelmente estavam mais à vontade com a tecnologia das comunicações que os governos. Como revelou a década de 1960, eram não apenas radicais e explosivos, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social”. Mesmo sendo minoritário entre a totalidade dos estudantes, o grupo

de manifestações, conflitos com a polícia, ocupações nas universidades e inúmeras assembleias, chegou-se a uma pauta de reivindicações que transcenderam reivindicações mais imediatas aos interesses especificamente universitários: contra a diferenciação social e o privilégio, o desemprego e as sinecuras políticas, pela autogestão real e não meramente formal, pela democratização de todas as organizações sociais e especialmente da Liga dos Comunistas, contra a especulação de terras, a comercialização da cultura e pela qualidade da vida universitária (SHER, 1977: 209-210).

Como pontua Musić, “em essência, este programa visava reformar a velha estrutura burocrática do sistema e ao mesmo tempo escapar da reintrodução do mercado como o único quadro possível para essa tarefa” (MUSIĆ, 2008: 59). Apesar do caráter crítico do programa dos estudantes, é digno de nota que ele não foi unanimemente aprovado na Universidade de Belgrado. Segundo Pervan, uma significativa minoria dos estudantes em vários departamentos o considerou muito conservador, e no Departamento de Filosofia ele foi rejeitado, destacando-se a crítica do professor Vojin Milić, pertencente ao grupo Praxis, que considerou o documento uma capitulação, por não enfrentar diretamente a Liga dos Comunistas (PERVAN, 1978: 31).

De acordo com Milan Petrović, que participara do movimento estudantil de Belgrado, os dois fatores internos mais importantes que contribuíram para o surgimento desse movimento foram a queda do vice-presidente da Yugoslávia, Aleksandar Ranković, e a influência dos professores do grupo Praxis (PETROVIĆ, 2007: 14). Ranković, o chefe da polícia política e um dos nomes mais fortes do governo, representava a defesa do fechamento político da Liga em relação a quaisquer vozes dissidentes e a vigilância severa sobre a opinião política expressa na sociedade, daí o sentimento de arejamento político e liberdade de expressão advindo da sua queda, alimentando a reflexão crítica estudantil.

Petrović afirma que o grupo Praxis buscou nos estudantes uma base massiva, contribuindo para promovê-los diante do público, mas também os arruinando. O autor relata que uma das principais orientações teóricas desse movimento era o igualitarismo

dos universitários que se sentiu atraído pelo radicalismo político de esquerda é que se fazia visível por meio de manifestações públicas (HOBSBAWM, 2014: 289-296).

maoísta, predominante na Faculdade de Filosofia de Belgrado, na qual o grupo Praxis controlava o movimento estudantil²² (PETROVIĆ, 2007: 16 e 19-20).

Petrović sustenta ainda que Tito chegou a considerar a possibilidade de aproveitar a situação para se colocar ao lado dos estudantes e contra a burocracia da Liga, especialmente Edvard Kardelj. Para o autor, o discurso de Tito na televisão, reconhecendo a legitimidade das reivindicações dos estudantes, foi um genuíno aceno para uma segunda revolução, apoiada nos estudantes universitários, contra “a burguesia vermelha”, isto é, a burocracia comunista. E com isso, entendeu como autodestrutiva e irracional a recusa do grupo Praxis, instalado na Faculdade de Belgrado, em por fim à greve universitária instaurada em apoio aos estudantes após o discurso de Tito, sugerindo que os intelectuais da *Praxis* agiram orgulhosamente, por se sentirem atingidos pelas referências do presidente àqueles que queriam “envenenar” os estudantes²³ (PETROVIĆ, 2007: 21).

De outra perspectiva, Ralph Pervan entende que o objetivo do discurso de Tito era conciliar a massa de estudantes e isolar e desacreditar os elementos mais radicais entre eles, exaurindo assim o ativismo da maioria, no que fora bem sucedido (PERVAN, 1978: 11 e 32). Vários foram os pronunciamentos de lideranças da Liga dos Comunistas que procuravam exaltar a sua concordância com a maior parte das reivindicações estudantis, consideradas justificadas (como a exigência por total e ativa participação estudantil na autogestão universitária), afirmando-se que a Liga já vem trabalhando para solucionar os problemas apontados, tais como a demanda por emprego e a diferenciação social. A imprensa fazia eco ao esforço oficial por sublinhar o lado “positivo” dos protestos, ao mostrar a fidelidade ao sistema iugoslavo por parte de estudantes que carregavam retratos

²² Todavia, em artigo publicado na revista Praxis, “The June Student Movement and Social Revolution in Yugoslavia”, Svetozar Stojanović, um dos principais nomes do grupo Praxis, mostra-se claramente desfavorável ao maoísmo (Praxis, 1970: 394-402). Tratando do que chama de entropia das revoluções, o filósofo apresenta o maoísmo como uma tentativa de resistir à tendência ao retorno das massas a um estado de passividade após a revolução política. Para remediar essa entropia, fazendo com que a revolução social dê continuidade à revolução política, os maoístas adotam romanticamente um comunismo primitivo, caracterizado pelo ascetismo, coletivismo e igualitarismo nivelador, o que implicava para a China em trabalho exaustivo, poupança exagerada e uma completa supressão de incentivos materiais em favor de estímulos político-morais. Embora Stojanović não se detenha na crítica a esse comunismo primitivo, indicando já ter tratado do assunto durante algum tempo, ele argumenta de passagem que o fardo dos sacrifícios materiais pode ser distribuído de modo mais justo entre as gerações (Praxis, 1970: 394-396).

²³ No discurso televisivo de 9 de junho de 1968, Tito afirma que “os últimos desenvolvimentos nas universidades mostraram que 90% dos estudantes são nossa real juventude socialista, que não se deixa envenenar, não seguindo os vários apoiadores de Djilas, de Ranković, de Mao Tse Tung ou algo semelhante para usar um pretexto de se preocupar com os estudantes, quando de fato tentam realizar seus próprios objetivos” (PETROVIĆ, 2007: 22).

de Marx e Tito e cantavam o hino nacional e a canção de exaltação ao regime, a “Tito-Partido”. Porém, como aponta Pervan, ocultava-se a dissonância de estudantes que cantavam, por exemplo, o slogan “Abaixo o cachimbo e o poodle”, numa referência a uma recente fotografia de imprensa que mostrava Tito fumando um cachimbo e segurando um poodle. Assim, ao menos alguns estudantes estariam demonstrando sua insatisfação com a vida privilegiada de alguns grupos no poder, incluindo o próprio presidente Tito (PERVAN, 1978: 24-25).

Ademais, no que se refere ao grupo Praxis, além de considerar suas visões como a mais coerente e persistente crítica à direção da Liga, Pervan observa que sua importância consiste também no fato de que elas encontraram expressão na retórica dos manifestantes estudantis em Junho de 1968. Para o autor, portanto, se tratava não de uma relação de controle, mas de *influência*, “aparentemente bem sucedida” sobre “as visões de ao menos alguns estudantes” (PERVAN, 1978: 13-14).

Do lado do grupo Praxis, podemos encontrar uma clara demonstração de entusiástica simpatia pelo movimento estudantil no já referido artigo de Stojanović, “The June Student Movement and Social Revolution in Yugoslavia”. Nele, o filósofo descreve o movimento estudantil de junho de 1968 como uma importante manifestação de resistência à entropia da revolução social iugoslava, visando revitalizá-la²⁴.

Segundo Rusinow, durante as manifestações de junho houve uma divisão na Liga dos Comunistas quanto à avaliação do foco e do significado ideológico da revolta estudantil:

Alguns têm tendido a aceita-la como inteiramente, ou predominantemente, “legítima” em seu espírito: a exigência de um cumprimento mais rápido do programa da Liga dos Comunistas e da reforma econômica de 1965, que exigem a democratização e a liberalização da política e do sistema econômico em termos de “autogestão social” efetiva ao invés de formal. Outros, no entanto, tendem

²⁴ O movimento estudantil surge no contexto da reforma de 1965, que, de acordo com Stojanović, teria apresentado duas concepções, representando uma polarização de forças: de um lado uma concepção pequeno-burguesa, que injustificadamente faz um fetiche das forças de mercado incontroladas, e de outro uma concepção democrático-socialista, que deseja criar uma moderna economia de mercado controlada e planejada pela sociedade autogestionária, resolutamente contra a diferenciação social exagerada. Conforme Stojanović, a revolta estudantil de 1968 identificava-se com esta segunda linha, posicionando-se contra a concepção pequeno-burguesa e também contra o grupo dos estatistas, que desejavam resistir às reformas para manter o poder centralmente concentrado. Com isso, as forças estatistas e pequeno-burguesas uniram-se para combater o movimento estudantil (*Praxis*, 1970: 399-400).

a ver influências sinistras e perigosamente bem-sucedidas no trabalho de “iludir” os alunos em posições que simultaneamente (embora à primeira vista contraditoriamente) fazem parte do neo-stalinismo, do maoísmo, do neoliberalismo burguês aspirando a um multipartidarismo, do djilalismo e da ideologia da “nova esquerda” (RUSINOW, 2008: 74).

Quanto aos resultados produzidos pelo movimento estudantil, Stojanović considera-os pequenos, mas importantes. Pequenos porque as atuais condições político-sociais da Iugoslávia não permitem qualquer mudança visível no desenvolvimento da autogestão integral, o que só pode advir com a entrada na cena política das massas trabalhadoras. Importantes porque o movimento estudantil perdeu a inocência política ao receber a força bruta do Estado como resposta às suas demandas, sacudiu a visão ideológica (distorcida) prevalecente da sociedade iugoslava com grande publicidade e em larga escala, forçou o Estado a mostrar a falta de autogestão no topo e retirou a máscara democrática de alguns políticos e intelectuais (*Praxis*, 1970: 401-402).

Sher afirma ser difícil determinar a natureza do envolvimento dos marxistas da *Praxis* nas manifestações estudantis de 1968, mas pondera que apesar das ideias do grupo estarem presentes nas demandas estudantis, “os ideais políticos e sociais invocados pelos estudantes derivavam diretamente do legado da revolução socialistas e não eram propriedade de nenhum grupo de intelectuais em particular” (SHER, 1977: 211). O autor afirma serem falsas as afirmações de que os intelectuais da *Praxis* encorajaram os estudantes a se engajar em anárquicas demonstrações de rua e atos de destruição injustificada; pelo contrário, conseguiram dissuadir os estudantes de confrontos físicos piores com as autoridades (SHER, 1977: 211).

Ainda sobre a participação do grupo Praxis nos eventos de 1968, Zagorka Golubović afirma que “se fala geralmente de ‘movimento estudantil’, o que é justo apenas em parte”, já que a grande maioria dos professores da Universidade de Belgrado apoiou “os mesmos objetivos e participou das atividades” (GOLUBOVIĆ e STOJANOVIĆ, 1986: 17).

Não obstante, ao mesmo tempo em que as autoridades da Liga dos Comunistas procuravam assimilar as reivindicações dos estudantes, declarando-as justificadas, formulou-se uma linha de ataque agressiva, amplamente difundida por meio de declarações oficiais à imprensa escrita, radiofônica e televisiva, ao que era apontado como uma minoria que desejava usar o movimento político progressista dos estudantes e canalizá-lo para seus

próprios objetivos. Esta minoria teria a pretensão de representar a classe trabalhadora sem o consentimento dela, e portanto estaria usurpando o direito de vanguarda ideológica exclusivo da Liga dos Comunistas e assim atacando a própria democracia.

O fato de insistir em manifestações de rua, ocupações e outros métodos “extra institucionais”, considerados métodos de pressão e atos de violência, seria outro sinal de ameaça ao curso democrático da sociedade iugoslava, ignorando as “organizações autogeridas e democráticas do povo trabalhador” e visando à realização de “propósitos destrutivos” e a derrubada do próprio sistema básico de autogestão²⁵.

A estratégia discursiva dos dirigentes iugoslavos também incluía colocar em acento as demandas dos estudantes voltadas para a sua realidade universitária, visando com isso reduzir o alcance das críticas, facilitando a satisfação das demandas e o alívio da tensão com promessas específicas aos problemas estudantis. Afastava-se, ainda, a possibilidade de uma aliança entre trabalhadores e estudantes, ao sugerir que a preocupação desses era com sua própria situação material, enquanto aqueles “estavam carregando o pesado fardo da recente reforma econômica”²⁶ (PERVAN, 1978: 27).

Como afirma April Carter, as “medidas ativas tomadas pelo partido na época [das manifestações estudantis de 1968] para isolar os trabalhadores de Belgrado dos estudantes sugeriram um medo muito real de que os trabalhadores poderiam apoiar e atuar sobre as demandas políticas feitas pelos estudantes” (CARTER, 1982: 207).

No que se refere ao presidente Tito, embora não seja possível afirmar com exatidão qual era a sua real intenção frente ao movimento estudantil e ao grupo Praxis, o fato é que a sequência de eventos pós-rebelião foi claramente conciliadora com a maioria dos manifestantes e repressiva com aqueles que insistiram em manter uma posição crítica, não se contentando com o discurso oficial que procurava se mostrar ao lado dos estudantes.

²⁵ Veljko Vlahović, membro do Comitê Executivo do Comitê Central da Liga dos Comunistas, argumentava que provocadores poderiam se aproveitar de uma “situação inflamada” de uma manifestação de rua, e que o contorno dos procedimentos democráticos ainda favoreceria forças burocráticas, estatistas e conservadoras. Este tipo de discurso alarmista, fazendo referência a uma “atmosfera inflamada”, materializou-se na proibição a quaisquer manifestações e reuniões em todos os lugares públicos de Belgrado, decretada pelo Secretariado da República para Questões Internas, já em 4 de junho (PERVAN, 1978: 25-26).

²⁶ Nesse jogo de (des)informação foram utilizadas alegadas manifestações de coletivos de trabalhadores “clamando pela manutenção da ordem pública”, sobre as quais lançou-se sutilmente a suspeita, em artigo publicado em 7 de junho no jornal sindical *Rad* (o mais simpático às reivindicações dos estudantes), de que tais proclamações poderiam não ter sido a expressão espontânea das opiniões dos trabalhadores. Nesse artigo afirmava-se ainda que a falha dos coletivos de trabalhadores em entender as motivações dos estudantes era devida a má informação, distorção e deturpação perpetradas pela mídia de massas (PERVAN, 1978: 27-28).

Assim, após certa exaustão com a sequência de inúmeras reuniões, a maioria dos estudantes festejou o discurso de Tito na televisão no dia 9 de junho (PERVAN, 1978: 32; ŽABIĆ, 2010: 98; BACEVIĆ, 2014: 51-52). Por outro lado, parece razoável supor que aqueles estudantes mais radicalizados e também mais próximos do grupo Praxis tenham recebido de modo mais cético tal discurso. Em entrevista recente, publicada em 2008, Zagorka Pešić-Golubović, que assistira ao discurso de Tito na televisão junto aos alunos na Faculdade de Filosofia em Belgrado, relata tal postura:

O kolo [uma dança nacional] foi dançado na Faculdade de Direito! Nós na Faculdade de Filosofia não aplaudimos. Além disso, ficamos na universidade durante dois dias depois e nem mesmo nossos comitês de ação se separaram. [O mesmo aconteceu] no Departamento de Arquitetura. Eles continuaram a sua atividade na forma de um tribunal. Isso se extinguiu apenas mais tarde. Não houve aplauso algum. Nós entendemos o discurso de Tito e sabíamos que o seu propósito era sufocar o nosso movimento, e não apoiá-lo (ŽABIĆ, 2010: 99).

A desconfiança logo se confirmou. De fato, nesse mesmo dia 9 de junho, Gajo Petrović e Mladen Čaldarović foram expulsos da Liga em Zagreb sob a acusação de terem “advogado extremas posições anarcoliberais e tentado destruir a Liga dos Comunistas bem como o resto de nossas instituições autogestionárias” (SHER, 1977: 212). E apenas duas semanas após o seu discurso conciliador, o presidente Tito coroou com um novo discurso uma campanha da imprensa contra os “elementos hostis” que estariam infiltrados no movimento estudantil, atacando severamente um grupo que seria constituído de “professores individuais, alguns filósofos, vários *praxisovci*²⁷ e outros, vários dogmáticos”, afirmando que

Nós precisamos oferecer-lhes uma resistência decisiva, dizer um “não” decisivo. (...) Para eles a classe trabalhadora e seu papel estão transcendidos. Para eles a Liga dos Comunistas não significa nada. Eles pensam que algum sábio, alguns tecnocratas devem ser colocados num pedestal e dar ordens agitando suas varinhas. (...) Não há lugar para eles. (...) Tais pessoas devem educar nossos filhos nas escolas e universidades? Não há lugar para eles lá! (...) Nós precisamos, além disso, reduzir tais pessoas a impotência. (...) E, se finalmente chega-se a isso, às vezes também será necessário usar medidas administrativas. (...) Nós precisamos preservar nossa sociedade socialista autogestionária. (SHER, 1977: 213)

²⁷ *Praxisovci* significa “membros do Praxis”.

Apesar da virulência de Tito, apenas quatro anos depois, em 1972, é que a campanha contra o grupo Praxis ganha um ímpeto mais forte. Ao que parece, a dificuldade em concretizar as ameaças se deu porque os intelectuais da *Praxis* encontraram certa leniência da parte de oficiais de alto escalão no Liga dos Comunistas favoráveis a sua democratização, como o presidente da Liga dos Comunistas da Sérvia, Marko Nikezić (SHER, 1977: 214-226). Todavia, com a reação de Tito à “primavera croata”, as lideranças “liberais” das outras repúblicas também perderam seus postos já em 1972, incluindo Marko Nikezić e Latinka Perović (secretária geral do Comitê Executivo da Liga dos Comunistas da Sérvia)²⁸ na Sérvia (ALLCOCK, 2000: 273-274).

Ocorria também de intelectuais ligados ao grupo Praxis ocuparem postos importantes na Liga ou em outras instituições-chave, como o sociólogo de Zagreb Stipe Šušar, que foi designado presidente da Comissão Ideológica da Liga dos Comunistas da Croácia²⁹. Destaca-se ainda Predrag Vranicki, um dos mais respeitados membros do grupo Praxis, que mantivera sua filiação à Liga e seu assento no Comitê da Liga da cidade de Zagreb, além de ser eleito reitor da Universidade de Zagreb (SHER, 1977: 220-221).

No entanto, a pressão repressiva foi mais forte. Mihailo Djurić, membro do conselho editorial da Praxis, foi condenado a dois anos de prisão por seu discurso crítico às emendas constitucionais de 1971 por ocasião de um simpósio dedicado ao tema na Faculdade de Direito de Belgrado em 4 de março de 1972, tendo sido interpretado como inflamatório dos sentimentos nacionalistas sérvios (SHER, 1977: 223-224). Tentou-se ainda, embora sem sucesso, impedir a renovação do contrato para o professor assistente Trivo Inđić na Faculdade de Filosofia. Já a União dos Estudantes da Iugoslávia foi fechada em 1974 (BACEVIĆ, 2014: 55). Diversos associados e membros do grupo Praxis tiveram seus passaportes revogados (Zaga Pešić, Dragoljub Mićunović, Vojin Milić, Nebojša Popov, Svetozar Stojanović, Mihailo Marković, Miladin Životić, Ljubomir Tadić, Trivo Inđić) e estudantes ativistas foram presos e sentenciados com base em espúrias acusações

²⁸ Em 1974, às vésperas do 10º Congresso da Liga dos Comunistas, Marko Nikezić e Latinka Perović foram expulsos da Liga (RUSINOW, 1977: 391).

²⁹ Šušar chegou a escrever na *Praxis* em favor da representação plena da classe trabalhadora nos órgãos políticos, incluindo o Partido, e clamando por uma confrontação ideológica intensa com os protagonistas e as teses do nacionalismo pequeno-burguês. O sociólogo repudiava qualquer tentativa de sujeitar publicações como *Praxis* a assédio financeiro, defendendo a revista por sua orientação básica marxista. (SHER, 1977: 220-221)

de “trotskismo” (SHER, 1977: 224-225). A acusação de trotskismo estendia-se também aos professores. O jornal *Komunist*, órgão da Liga dos Comunistas, denunciava que Ljubomir Tadić e Svetozar Stojanović estavam em contato com o comitê para a reconstituição da 4ª Internacional e com o grupo italiano trotskista Il Manifesto (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 45). Nos encontros da *Korčula Summer School* participavam dirigentes da IVª Internacional trotskista, como Ernest Mandel, da Bélgica, Livio Maïtan, da Itália e Tariq Ali, paquistanês e britânico³⁰.

Com o purgo às lideranças “liberais” sérvias os membros da *Praxis* que ensinavam em Belgrado se viram sem qualquer possibilidade de proteção vinda “de cima”, então a pressão de Tito pela sua demissão teve livre curso (SHER, 1977: 225-226). A resistência final foi possível devido à tradição de autonomia da Universidade de Belgrado. Procurando enfrentar essa autonomia, o governo aprovou uma lei para poder demitir com base em um relatório produzido por um conselho universitário misto, formado por membros internos à universidade e outros externos apontados pelo governo e pela Liga. Após intenso assédio para que os alunos “falassem mal” dos seus professores, com interrogatórios e prisões³¹, o relatório, para surpresa do governo, foi unanimemente favorável aos oito filósofos e sociólogos de Belgrado implicados: Stojanović, Marković, Tadić, Pešić, Životić, Popov,

³⁰ Os encontros na ilha de Korčula envolviam uma vasta gama de intelectuais de esquerda, em sua grande maioria de orientação marxista. Seria de grande interesse estudar as relações tecidas entre esses intelectuais por ocasião dos encontros na Iugoslávia. O traço material mais evidente de aproximação intelectual é a própria revista *Praxis*, onde publicaram autores como György Lukács, Jürgen Habermas, Lucien Goldmann, Kostas Axelos, Erich Fromm, Agnes Heller, Ernst Bloch, Umberto Cerroni e Herbert Marcuse. Para ilustrar a amplitude da aglutinação em torno da revista *Praxis*, podemos citar o seu conselho editorial, constituído por Kostas Axelos (Paris), Alfred J. Ayer (Oxford), Zygmund Baumann (Tel-Aviv), Norman Birnbaum (Amherst), Ernst Bloch (Tübingen), Thomas Bottomore (Brighton), Umberto Cerroni (Roma), Robert S. Cohen (Boston), Veljko Cvjetičanin (Zagreb), Božidar Debenjak (Ljubljana), Mihailo Đurić (Belgrado), Marvin Farber (Buffalo), Muhamed Filipović (Sarajevo), Vladimir Filipović (Zagreb), Eugen Fink (Freiburg), Ivan Focht (Sarajevo), Erich Fromm (Mexico City), Lucien Goldmann (Paris), André Gorz (Paris), Jürgen Habermas (Frankfurt), Erich Heintel (Wien), Agnes Heller (Budapeste), Besim Ibrahimpašić (Sarajevo), Mitko Ilievski (Skopje), Leszek Kolakowski (Warszawa), Veljko Korać (Belgrado), Karel Kosik (Praga), Andrija Krešić (Belgrado), Henri Lefebvre (Paris), György Lukács (Budapeste), Serge Mallet (Paris), Herbert Marcuse (San Diego), Mihailo Marković (Belgrado), Vojin Milić (Belgrado), Enzo Paci (Milão), Howard L. Parsons (Bridgeport), Zagorka Pešić-Golubović (Belgrado), David Riesman (Cambridge, Mass.), Veljko Rus (Ljubljana), Svetozar Stojanović (Belgrado), Julius Strinka (Bratislava), Abdulah Šarčević (Sarajevo), Ljubo Tadić (Belgrado), Ivan Varga (Budapeste), Kurt H. Wolff (Newton, Mas.), Aldo Zannardo (Bolonha) e Miladin Životić (Belgrado).

³¹ O efeito dessa pressão, que pretendia jogar estudantes radicais contra seus professores mais moderados, foi o contrário do esperado. Todos os 800 estudantes da Faculdade de Filosofia deram uma demonstração de solidariedade aos “Oito” perseguidos, ameaçando uma greve em massa se a perseguição fosse até o fim. Em Zagreb os estudantes deram uma demonstração de solidariedade, o que acabou em breve violência, quando os estudantes expulsaram porta-vozes do Partido que vieram falar contra os filósofos (SHER, 1977: 229).

Mićunović e Indjić. A ofensiva final se deu com uma nova lei autoritária permitindo ao governo interditar sumariamente os professores de exercer a prática docente caso suas atividades fossem consideradas ameaçadoras aos “interesses sociais”, o que foi feito em 28 de janeiro de 1975³², apesar de intenso protesto da comunidade acadêmica internacional³³ (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 51-60; SHER, 1977: 227-232). Os “Oito de Belgrado” ainda recorreram à Corte Constitucional da Iugoslávia, que rejeitou o apelo em maio de 1977. Ademais, a *Korčula Summer School* de 1975 e 1976 com o tema “Socialismo e Direitos Humanos” foi proibida (GRUENWALD, 1983: 257).

Quanto à revista *Praxis*, o seu fim se deu com o corte total do suporte financeiro por parte da Coordenação de Ciência e Tecnologia da Iugoslávia e com a ordem dada aos sindicatos da cidade de Sisak, na Croácia, para parar de imprimir a revista. Assim, em 21 de fevereiro de 1975 foi anunciado em Belgrado que a *Praxis* havia fechado após o Conselho Editorial ter rejeitado um ultimato das autoridades (LEŠAJA, 2014: 284-311; SHER, 1977: 239).

As subsequentes trajetórias individuais dos membros do grupo Praxis diferiram significativamente. Inicialmente, a maior parte dos professores prosseguiu improvisadamente suas carreiras acadêmicas, aceitando convites para lecionar no exterior:

Por mais de uma década, os oito de Belgrado - Mihailo Marković, Svetozar Stojanović, Ljubomir Tadić, Zagorka Golubović, Dragoljub Mićunović, Miladin Životić, Nebojša Popov e Trivo Indjić – perambularam pelo mundo, aceitando lecionar como professores visitantes no exterior e se encontrando secretamente em Belgrado. Somente Indjić aceitou a oferta do governo de um cargo de baixo-perfil num instituto. Os outros insistiram em nada menos que um regresso completo à Universidade de Belgrado, que não estava disponível. Markovic, o membro mais conhecido do grupo no exterior, assumiu um cargo de filosofia em tempo parcial na Universidade da Pensilvânia. Stojanovic ensinou em Berkeley e na Universidade de Kansas. Enquanto isso, em Zagreb, a situação era ligeiramente menos terrível. “Houve pressões”, lembra Zarko Puhovski. “Não pude publicar por dois anos, mas não foi nada remotamente como a situação em Belgrado” (SECOR, 1999).

³² Os professores foram licenciados de suas funções de ensino, embora tenham conservado o seu emprego como pesquisadores (SAMARY, 2008: 90).

³³ O apoio acadêmico internacional aos “Oito de Belgrado” foi significativo, procurando pressionar o governo de Tito a recuar na política repressiva. Citamos, por exemplo, o *International Committee of Concern for Academic Freedom in Yugoslavia*, formado inicialmente pelos professores Alfred J. Ayer, Noam Chomsky, Robert S. Cohen, Jürgen Habermas, Jaakko Hintikka, Harald Ofstad, Chaim Perelman, Paul Ricoeur e Georg Henrik von Wright (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 51-53).

No final da década de 1970 e no começo da década de 1980 os “Oito de Belgrado” ainda organizaram o que eles chamaram de “Universidade Livre”, consistindo em seminários organizados em residências privadas, os quais eles não podiam divulgar publicamente, além de sofrer com interrupções pela polícia.

Nos anos 1980 tentou-se ainda uma espécie de retorno da revista *Praxis*, sob o nome de *Praxis International*. Contudo, já não se pode mais falar em “grupo Praxis”. Essa nova publicação aparece praticamente como uma iniciativa de Marković, embora contasse com a colaboração de “ex-praxistas” no seu corpo editorial, como Stojanović, Tadić, Golubović e Supek³⁴. Crucialmente os intelectuais da antiga *Praxis* já se encontravam consideravelmente fragmentados. Em especial, na complexa situação política dos anos 1980 eles se mostraram bastante divididos. Surpreendentemente, o discurso nacional aparece para alguns como a única saída pragmática, enquanto outros se mantiveram na crítica da escalada nacionalista. Além disso, alguns acabaram por aderir à restauração capitalista, enquanto outros se opuseram.

Com a escalada dos conflitos entre albaneses e sérvios no Kosovo o nacionalismo sérvio ganhara novo ímpeto. Para grande surpresa e desconcerto dos acadêmicos de esquerda simpáticos ao grupo Praxis, alguns dos seus principais integrantes mostram-se mais e mais envolvidos com a escalada nacionalista. Marković destaca-se como o mais firme defensor da liderança de Slobodan Milošević, e um dos principais suportes intelectuais do novo Partido Socialista da Sérvia. Por sua vez, Stojanović foi um crítico de Milošević e serviu como acessor de Dobrica Ćosić quando este esteve na presidência da Iugoslávia. Já Ljubomir Tadić foi um dos fundadores do Partido Democrático na Sérvia e um dos líderes do movimento pró-europeu na Sérvia (seu filho Boris Tadić foi presidente da Sérvia entre 2004 e 2012). Outros ex-integrantes do grupo Praxis lideraram a resistência

³⁴ A revista *Praxis International* é lançada em 1981 sob a iniciativa de Jürgen Habermas, Richard Berstein e Albrecht Wellmer juntamente a Mihailo Marković e Svetozar Stojanović. Nesta nova revista *Praxis*, havia menos foco na Iugoslávia e muito mais ecletismo. Todavia, ainda é notável o seu prestigioso corpo editorial, com destacados intelectuais da esquerda mundial. Na sua primeira edição, de abril de 1981, figuravam: Shlomo Avineri, Zygmunt Bauman, Richard J. Bernstein, Norman Birnbaum, Tom Bottomore, Reginaldo di Piero, Franco Ferraroti, Iring Fetscher, Zagorka Golubović, Carol Gould, Jürgen Habermas, Andrés Hegedús, Agnes Heller, Ulf Himmelstrand, Joachim Israel, Marcos Kaplan, Karel Kosík, Heinz M. Lubasz, Steven Lukes, Michael Löwy, Mihailo Markovic, György Markus, Ralph Miliband, Oskar Negt, H. Odera Oruka, Jean-Michel Palmier, Veljko Rus, Gunnar Skirbekk, Svetozar Stojanović, Rudi Supek, Ljubomir Tadić, Charles Taylor, Edward P. Thompson, Adolfo Sanchez Vasquez, Marx Wartofsky, Albrecht Wellmer e Kurt Wolff.

ao nacionalismo e militaram por soluções pacíficas. É o caso de Zagorka Golubović, que continuou militando pelos direitos humanos ao longo dos anos 1990. Miladin Životić também se destacou pela sua militância em favor da paz, solidarizando-se com bósnios muçulmanos e albaneses no Kosovo.

A metamorfose ideológica de Marković é análoga àquela sofrida por Dobrica Ćosić, célebre romancista e alto dirigente da república da Sérvia que transitou da defesa do iugoslavismo para um agressivo nacionalismo sérvio³⁵. É revelador o fato de que Ćosić mantivera laços de amizade com membros do grupo Praxis em Belgrado, especialmente Marković e Tadić³⁶. Laura Secor relata que

Pelo menos uma sessão de Universidade Livre se deu na casa do romancista Dobrica Ćosić. Nem um marxista nem um filósofo, Ćosić era um amigo pessoal e influência sombria no grupo Praxis, embora nunca um membro real. Na década de 1980, seus laços com o grupo Praxis tornaram-se mais fortes; mas até que ponto os praxistas já compartilhavam seu incipiente nacionalismo permanece um mistério. Ćosić colaborou com Tadić em dois projetos no início dos anos 80: um jornal que critica a burocracia e defende a liberdade de expressão e que fora imediatamente suprimido pelo governo; e o outro foi uma petição contra as leis de censura, que também foi rapidamente derrotada. A imprensa governamental denunciou Ćosić e seus amigos do grupo Praxis como "nacionalistas endurecidos e defensores abertos de um sistema multipartidário", mas o grupo continuou se reunindo como um comitê para promover a liberdade de expressão. (SECOR, 1999)

As divisões nacionais (crescentemente formuladas em termos nacionalistas) também atingiram os estudantes universitários - o principal grupo social que poderia dar maior substância política à crítica do grupo Praxis. Como a educação universitária e as condições de emprego estavam sob jurisdição das repúblicas, a tendência observada foi a fragmentação política dos estudantes de acordo o recorte nacional. Assim, embora protestos estudantis tenham ocorrido em Priština a partir de 1967, em Belgrado e Sarajevo em 1968 e em Zagreb em 1971, a pauta reivindicativa não extrapolava os limites das condições locais. Ou seja, conquanto estudantes de Belgrado e de Priština, ambos de origem pobre e rural em busca de melhores empregos, partilhassem da crítica à “burguesia vermelha” (os

³⁵ O economista Kosta Mihailović também vai do iugoslavismo para o nacionalismo sérvio (DEVIĆ, 2016).

³⁶ Um dos elementos de aproximação entre Ćosić e os intelectuais do grupo Praxis era a crítica da cultura do consumismo. A cultura de massas, com a forte penetração da indústria cultural norte-americana, era veementemente criticada por Ćosić.

privilegiados da Liga dos Comunistas), no Kosovo a contestação centrava-se contra o domínio político e orçamentário de Belgrado. Os estudantes de Priština viam na autonomia do Kosovo sobre o orçamento e a política educacional a solução para o problema do desemprego, entendido primariamente como uma questão de discriminação dos albaneses em favor dos sérvios. Já na Croácia os estudantes acabaram aderindo à tese de que o desemprego era fruto da taxaço dos “recursos croatas” (remessas de moeda estrangeira pelos imigrantes croatas e atividade turística) por parte de “Belgrado” (WOODWARD, 1995: 338-339).

As trajetórias individuais dos membros do grupo Praxis após a sua desintegração enquanto coletivo intelectual são desconcertantes, na medida em que pouco restara do radicalismo humanista original. O traço predominante será a socialdemocracia, defendida, por exemplo, por Svetozar Stojanović em termos pragmáticos. O filósofo passa a conceber o mercado e a propriedade privada como instituições incontornáveis para uma boa sociedade, na medida em que seriam os promotores *par excellence* da inovação, da criatividade e da eficiência produtiva (STOJANOVIĆ, 1997: 296-305). Assume-se então, não mais um marxista revisionista, mas um pós-marxista.

É dessa perspectiva que Stojanović opera uma distinção no seio do humanismo marxista, com a qual pretende clarificar sua própria posição: haveria humanistas realistas e humanistas utópicos. Enquanto os realistas apoiam a reabilitação parcial da propriedade privada e da competição mercantil, ao mesmo tempo em que reafirmam alguns outros elementos da “sociedade civil” e o governo da lei (ultrapassando assim o quadro do marxismo), os utopistas atacam o “socialismo real” do ponto de vista de um comunismo marxista, portanto sem classes, sem Estado, sem propriedade privada, sem mercado e sem leis (STOJANOVIĆ, 1997: 308-310).

Conquanto o grupo Praxis tenha representado um importante fórum de discussão e reflexão crítica sobre a sociedade iugoslava e a teoria marxista, é interessante notarmos também os limites políticos da sua atuação. Ao que parece o receio de ser sumariamente reprimido impediu os intelectuais da *Praxis* de assumir um papel mais ativo no ápice da convulsão política protagonizada pelo movimento estudantil de 1968. De acordo com Sher, ainda que tenham tido influência no movimento, fica patente a reticência dos professores em abordar diretamente os eventos políticos mais candentes do momento, especialmente o

movimento estudantil (SHER, 1977: 215-216). Assim, em 1968 e 1969 não se pode encontrar nas páginas da *Praxis* uma análise da revolta dos estudantes³⁷.

Nos encontros da *Korčula Summer School* havia uma tensão entre os estudantes ativistas e os professores mais cautelosos, já que os primeiros procuravam no encontro uma oportunidade de promover a sua causa política enquanto os segundos prudentemente queriam manter o seu caráter acadêmico. A juventude universitária ansiava por escutar tomadas de posição sobre os problemas especificamente iugoslavos, reprovando assim os oradores que permaneciam num nível mais teórico e genérico (PALMIER, 1973: 196). Essa tensão chegou inclusive a uma confrontação entre Rudi Supek e um grupo de estudantes que, durante o encontro de 1970, protestava contra a perseguição e prisão de líderes estudantis. Outros membros do grupo Praxis, mais simpáticos aos estudantes, em especial Životić e Pešić, quase romperam com o grupo em razão desse episódio. O resultado dessa tensão também interna ao grupo Praxis foi uma mudança de ênfase da revista em 1970, com a publicação de textos muito mais provocativos e inclusive tratando da revolta dos estudantes, abrindo-se para a colaboração de uma nova geração de intelectuais ativistas, ligados ao movimento estudantil, como Nebojša Popov e Trivo Indić de Belgrado, Božidar Jakšić de Sarajevo e Žarko Puhovski de Zagreb (SHER, 1977: 218).

Podemos citar um artigo de Nebojša Popov publicado na revista *Praxis*, “Les formes et le caractère des conflits sociaux”, como um exemplo de ataque mais extremo à Liga dos Comunistas, entendida como órgão da classe política, formada inicialmente por revolucionários profissionais e depois renovada por novas gerações de políticos e tecnocratas (*Praxis*, 1971: 353-373). Realizando uma análise histórica, Popov deriva o comportamento do que chama de politocracia das condições da guerra de libertação ante a ocupação nazista. Assim,

Os *revolucionários profissionais* de diversas origens sociais tornam-se uma camada social homogênea e um novo fator essencial da integração do sistema social global. Sua potência social repousa sobre um tipo de partido político específico, sobre uma organização monolítica com efetivos disciplinados, organização criada à imagem do partido russo, reforçada nas condições de ilegalidade e nas circunstâncias militares

³⁷ Somente dois anos depois da revolta estudantil, é publicado na *Praxis* em sua edição internacional um artigo de Svetozar Stojanović favorável ao movimento estudantil: “The June Student Movement and Social Revolution in Yugoslavia” (*Praxis*, 1970: 394-402).

durante a guerra, coroada da glória do Vencedor. O papel social do aparelho do partido e do Estado reivindica sempre mais quadros – uma nova *camada burocrática* está em via de criação. Tornam-se também partes das novas classes no poder: *dirigentes militares, dirigentes econômicos, intelectuais* que ocupam posições-chave nas instituições de propaganda, culturais e educativas. (*Praxis*, 1971: 357; grifos do autor)

Além dessa situação inicial da qual emerge o Partido Comunista da Iugoslávia, o fato de reforçar o seu aparelho repressivo, especialmente a polícia política, no intuito de manter a unidade interna frente ao conflito com o stalinismo russo, acabará por aprofundar a divisão entre a direção ativa e a massa executante, “o que é, no fundo, uma divisão da sociedade em classes” (*Praxis*, 1971: 357). Certamente, esse tipo de diagnóstico era intolerável aos olhos dos dirigentes da Liga.

Outro elemento importante na história do grupo Praxis é o seu confronto com os crescentes nacionalismos. É razoável supor que os dirigentes federais da Liga tenham hesitado em suprimir o grupo Praxis por causa da sua utilidade em fazer frente à escalada nacionalista, especialmente na Croácia³⁸ (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 28). Assim, o destino do grupo estaria ligado aos rumos desse movimento que culminou com a desintegração da Iugoslávia. A vitória parcial do governo federal frente aos grupos nacionalistas regionais teria desprovido o grupo Praxis de sua função de contrapeso político, ensejando o seu próprio fim (SHER, 1977: 186-187 e 219-220).

Stojanović também argumenta que Tito hesitara na repressão ao grupo Praxis devido a sua utilidade como críticos da política e da ideologia que os dirigentes soviéticos queriam impor, além de querer mostrar ao ocidente que o comunismo iugoslavo era diferente (STOJANOVIĆ, 1997: 313).

Todavia, mais decisiva que a repressão exercida sobre o grupo Praxis, foi a retomada e a vitória final dos nacionalismos ao longo dos anos 1980 que desmantelou definitivamente o mínimo de unidade que havia entre os marxistas humanistas.

³⁸ Marović afirma que o grupo Praxis tinha um papel importante para equilibrar uma complexa balança ideológica, na qual se contrapunha tanto aos nacionalistas (especialmente na Croácia) quanto aos pró-stalinistas linha-dura (especialmente na Sérvia) (MARKOVIĆ e COHEN, 1975: 28).

Conclusão

O conteúdo da crítica do grupo Praxis a problemas centrais do sistema iugoslavo (como o domínio burocrático, a falta de democracia na Liga dos Comunistas e a fragmentação da autogestão) e a sua ressonância numa audiência estudantil massiva e combativa provocaram a ação repressora de autoridades e dirigentes comunistas. Fundamentalmente, podemos interpretar tal repressão como um indicativo de que o grupo Praxis representou a possibilidade de desenvolvimento de uma alternativa política contraditória com o monopólio vanguardista atribuído à Liga dos Comunistas, e também com os privilégios sócio-políticos dos dirigentes da burocracia estatal e dos gerentes da burocracia empresarial.

Num plano mais teórico, deve-se sublinhar que a emergência de um círculo intelectual marxista com autonomia universitária, no contexto politicamente efervescente de um país onde se desenrolava uma forma original de projeto socialista, acabou por produzir uma rica reflexão crítica sobre as possibilidades e limites da construção do socialismo num contexto econômico e geopolítico particularmente adverso. A autogestão socialista idealizada pelos dirigentes iugoslavos, tendo Edvard Kardelj como seu principal teórico, foi frequentemente redesenhada e confrontada por inúmeros problemas de difícil solução. Sem perder de vista a concreta dinâmica histórica iugoslava, a contribuição do grupo Praxis para a tentativa de solução desses problemas nos marcos de um humanismo marxista pode ainda hoje ser valorizada no âmbito do pensamento crítico.

Bibliografia

ALLCOCK, John B. *Explaining Yugoslavia*. London: Hurst & Company, 2000.

BACEVIĆ, Jana. *From Class to Identity: The Politics of Education Reforms in Former Yugoslavia*. Budapest – New York: Central European University Press, 2014.

BURG, Steven. L. *Conflict and cohesion in socialist Yugoslavia: political decision making since 1966*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

CARTER, April. *Democratic reform in Yugoslavia: the changing role of the party*. London: F. Pinter, 1982.

DENITCH, Bogdan Denis. *The legitimation of a revolution: the Yugoslav case*. New Haven: Yale University Press, 1976.

DEVIĆ, Ana. *The forging of socialist nationalism and its alternatives: social and political context and intellectual criticism in Yugoslavia between the mid-1960s and 1992*. Dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements of the degree Doctor of Philosophy in Sociology. University of California, San Diego, 2000.

GEORGI, Frank (dir.). *Autogestion: la dernière utopie?* Paris: Publications de la Sorbonne, 2003.

GOLUBOVIĆ, Zagorka e STOJANOVIĆ, Svetozar. *La crise du système yougoslave*. Projet de recherche « Les crises des systèmes de type soviétique », dirigé par Zdeněk Mlynář et le conseil scientifique, Étude n° 14, 1986.

GRUENWALD, Oskar. *The Yugoslav Search for Man: Marxist Humanism in Contemporary Yugoslavia*. South Hadley: J. F. Bergin Publishers, 1983.

_____. Praxis and democratization in Yugoslavia: from critical Marxism to democratic socialism? In: TARAS, Raymond (ed.). *The road to disillusion: from critical Marxism to postcommunism in Eastern Europe*. Armonk: M. E. Sharpe, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KARDELJ, Edvard. *As vias da democracia na sociedade socialista*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

KRULIC, Joseph. D'une autogestion l'autre: Paris-Belgrade 1948-1985. In: *Pouvoirs, revue française d'études constitutionnelles et politiques*, n° 52, Démocratie, janvier 1990.

LEŠAJA, Ante. *Praxis orientation, journal Praxis and the Korčula summer school (Collection)*. Beograd: Rosa Luxemburg Stiftung, 2014.

MAGID, Alvin. *Private lives/public surfaces: grassroots perspectives and the legitimacy question in Yugoslav socialism*. New York: Columbia University Press, 1991.

MARKOVIĆ, Mihailo e COHEN, Robert S. *Yugoslavia: The Rise and Fall of Socialist Humanism. A History of the Praxis Group*. Nottingham: Spokesman Books, 1975.

MEISTER, Albert. *Où va l'autogestion yougoslave?* Paris: Anthropos, 1970.

MIGUEL, Sinuê Neckel. *O labirinto da autogestão: caminhos e bloqueios do projeto socialista iugoslavo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela UNICAMP, 2017.

MIRKOVIĆ, Damir. Sociology in Yugoslavia Today. In: *International Review of Modern Sociology*, vol. 6, n. 2, Autumn, 1976.

MUSIĆ, Goran. *1968 Movements in Belgrade and Mexico City: A Comparative Analysis*. Master Thesis, Universität Wien, Universität Leipzig, Vienna, 2008.

_____. *The self-managing factory after Tito. The crisis of Yugoslav socialism on the shop floor*. Thesis submitted for assessment with a view to obtaining the degree of Doctor of History and Civilization of the European University Institute. Florence, January, 2016.

PALMIER, Jean-Michel. Les difficultés de “praxis” et de l’École d’été de Korčula. In : *L’Homme et la société*, n° 27, 1973.

PERVAN, Ralph. *Tito and the Students. The University and the University Student in Self-Managing Yugoslavia*. Nedlands: University of Western Australia Press, 1978.

PETROVIĆ, Milan. Student’s Movements of 1968 – Unfinished Revolution. In: *Facta Universitatis – Law and Politics*, Issue 5, N° 1/2007.

RUSINOW, Dennison. *The Yugoslav experiment: 1948-1974*. California: University of California Press, 1977.

_____. *Yugoslavia: oblique insights and observations*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2008.

SAMARY, Catherine. *Le marché contre l’autogestion: l’expérience Yougoslave*. Paris: Publisud – La Brèche, 1988.

_____. Du juin 1968 yougoslave aux impasses du titisme. In : *Contretemps*, n° 22, mai, 2008.

SECOR, Laura. Testaments betrayed: Yugoslavian intellectuals and the road to war. In: *Linguafranca*, The review of academic life, Vol. 9, N. 6, September 1999.

SHER, Gerson S. *Praxis: Marxist criticism and dissent in Socialist Yugoslavia*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

SOUZA, Luiz Gustavo da Cunha. Aproximação a um grupo quase esquecido: os marxistas iugoslavos do Praxis. *Revista Em Debate* (UFSC), Florianópolis, vol. 15, 2016.

STOJANOVIĆ, Svetozar. *Between ideals and reality: a critique of socialism and its future*. New York and London: Oxford University Press, 1973.

_____. *The fall of Yugoslavia: why communism failed*. Amherst: Prometheus Books, 1997.

WOODWARD, Susan L. *Socialist Unemployment: The Political Economy of Yugoslavia (1945-1990)*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

ŽABIĆ, Sarah D. *Praxis, student protest, and purposive social action: the humanist Marxist critique of the League of Communists of Yugoslavia, 1964-1975*. Dissertation of Masters of Arts. Kent State University, 2010.

Recebido em: 10 de março de 2018

Aceito em: 22 de julho de 2018